

HISTÓRIA E IMAGINÁRIO NOS ANOS 1950, EM CAMPINA GRANDE

(Rosilene Dias Montenegro, DHG/UFCG)

O presente trabalho tem como objetivo analisar a recepção ao projeto político do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), em Campina Grande - PB. Nossa proposta é analisar aspectos da repercussão do projeto político do governo JK em Campina Grande. A questão que buscamos problematizar é a de como esses tempos de mudança no âmbito nacional, tempos marcados por um esforço político de modernização do país, repercutiram na referida cidade. Neste sentido, este trabalho pretende privilegiar alguns aspectos relacionados ao imaginário coletivo de crença no progresso e realização, do sonho de o Brasil se tornar numa grande nação, por um lado, e de Campina Grande, por outro lado, avançar na sua construção de “Rainha da Borborema”, “cidade do trabalho”, “capital do trabalho”, “futuro de prosperidade”. Para a realização dessa análise utilizamos como fonte alguns dos estudos (algumas referências) que compõem a bibliografia da história de Campina Grande, alguns dados produzidos pela Federação das Indústrias do Estado da Paraíba – FIEP, artigos do jornal *Diário da Borborema*, revistas de circulação nacional da época, e depoimentos orais de pessoas contemporâneas desses tempos.

A década de 1950 foi de significativo desenvolvimento para a cidade de Campina Grande, cuja população ultrapassava mais de cem mil habitantes, em 1956, segundo censo realizado pela Federação das Indústrias da Paraíba. Em termos quantitativos, o número de habitantes, de indústrias, e de lojas de comércio, somando-se a sua importância de pólo do comércio do algodão, fazia da cidade um centro econômico indubitavelmente muito importante. Sua importância econômica para o Estado era tão evidente que se dizia, à época, que a Paraíba tinha, respectivamente, duas capitais: a administrativa, em João Pessoa, e a financeira em Campina Grande.

O dinamismo econômico vivido em Campina Grande fortalecia a representação expressa no imaginário coletivo da “Rainha da Borborema”, que se firmava havia décadas. A este imaginário se juntavam outras imagens, a “cidade do trabalho”, “capital do trabalho”, “pólo de desenvolvimento”, “futuro de prosperidade”. São essas as referências sobre a cidade, mais comumente encontrada nas páginas do *Diário da Borborema*. Todavia, essas imagens de Campina Grande, em meados da década de cinquenta, do século passado, eram dissonantes com as imagens do Brasil no mesmo espaço de tempo. No seu todo, o país vivia em meados dos anos de mil novecentos e cinquenta uma grave crise política e econômica, conforme pode ser verificado na ampla bibliografia de história do Brasil¹, o que faz do estudo sobre a economia e sociedade de Campina Grande, desse momento, um assunto de relevância para a reflexão acadêmica da nossa história, não somente local como também nacional. Muito provavelmente, o significativo desenvolvimento econômico dessa cidade é um aspecto de singular importância para a análise relativa à recepção, bastante favorável, do projeto político do governo JK e, particularmente, muito mais no que diz respeito à recepção das idéias de modernização e modernidade, do que mesmo na sua concretização.

Neste ponto cabe lembrar que, face às especificidades internas da política paraibana, a cidade de Campina Grande mantinha suas bases políticas evidentemente apoiadas sobre práticas coronelísticas, muito comuns no país da época. Assim, se no plano político as práticas comuns à vida política da cidade destoavam do conteúdo político do projeto defendido pelo governo Juscelino Kubitschek; no plano econômico também não era muito diferente. O *Plano*

¹ Leandro Konder, em seu texto *Os intelectuais e os anos 50*, analisa o papel de eminentes intelectuais brasileiros em suas reflexões sobre o Brasil da primeira metade dos anos cinquenta do século passado. Em sua análise, Konder ressalta a profunda descrença no futuro do país e o momento de profunda crise política e econômica por que passava o país. Konder ressalta, também, a mudança desse clima de incerteza, promovida pelo governo JK. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. ...

de Metas era um projeto modernizador, eminentemente voltado para os interesses da indústria e, por conseguinte, das formas especificamente capitalistas de produção. Enquanto que o desenvolvimento econômico verificado em Campina Grande era um desenvolvimento marcadamente comercial, mais precisamente comercial-algodoeiro, não obstante a existência de fatores favoráveis à instalação de indústrias e seu crescimento. Oportuno lembrar que a cidade chegou a possuir um banco privado denominado: Banco Industrial de Campina Grande. Ou seja, o projeto político do governo federal era a modernização via industrialização, enquanto em Campina Grande o que existia, efetivamente, era uma economia eminentemente comercial. Não haveria dissonância se as forças políticas representativas do interesse industrializador estivessem na hegemonia política da cidade, mas não era isso o que ocorria. A orientação política para o desenvolvimento econômico de Campina Grande entrava na contra-mão do projeto do governo federal. Vejamos.

Em 1959, após uma campanha eleitoral singular pela dimensão do confronto político entre os dois candidatos², o então Deputado Severino Cabral, do Partido Social Democrático, venceu o seu rival eleitoral o empresário Newton Rique, do Partido Trabalhista Brasileiro. Se no âmbito federal, esses partidos eram, respectivamente, a sustentação política do governo, no âmbito local a contenda política não só os transformava em opositores políticos, mas em projetos políticos opostos³. Segundo Josué Sylvestre⁴, o item do “*plano para Campina Grande*”, programa político do candidato eleito, Severino Cabral, referente ao *desenvolvimento rural*, era o mais extenso e prometia “providências na área da educação rural, fomento agropecuário, criação do Banco Municipal de Crédito Cooperativo e construção de silos e armazéns, tudo visando a melhoria de vida do homem do campo – propriedade e agricultores – e incremento da produção agropecuária”.⁵ No tocante à indústria, o “*plano para Campina Grande*”, era mais vago ou bastante generalizante. Ele dizia:

“Um dos aspectos que consideramos de maior importância é o apoio que a Administração Municipal deve dar à implementação de novas indústrias. Não basta possuir legislação favorável, tornam-se imperiosas certas iniciativas para criar uma mística de progresso porque além da mobilização de capitais disponíveis em nossa terra, faremos atrair capitais de fora para reforçar a economia e permitir maior expansão industrial. Uma propaganda das nossas possibilidades, a realização de congressos, conferências e exposições, maior entrosamento com as nossas entidades e classes do comércio, da indústria e da lavoura, nos ajudarão a atingir esse objetivo”.⁶

Pela generalização da proposta voltada para o desenvolvimento industrial comparada às propostas concretas e exequíveis voltadas para o desenvolvimento rural, é possível afirmar que o então deputado petedista, eleito Prefeito de Campina Grande, em 1959, estava muito mais identificado com os interesses agrícolas do que com os interesses industriais, estes estavam representados pelo seu adversário, o petebista Newton Rique. Por outro lado, o candidato petebista estava, ao menos no plano discursivo, muito mais próximo do projeto político do governo JK do que seu representante partidário em Campina Grande. A proposta eleitoral exposta no documento “*Revolução da Prosperidade*” – programa político do candidato petebista – se apresentava, também, muito mais consoante com o imaginário expresso, frequentemente, nas páginas dos jornais locais, mais do que nos nacionais. Era a primeira vez,

² Cf. Josué Sylvestre, *Nacionalismo & Coronelismo. Fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1954/1964)*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988, pp. 241-242.

³ Cf. Alarcon Agra do Ó, *Projetos em cena: uma eleição municipal em Campina Grande, em 1959*. In: Saeculum. Revista de História, nº 6/7, Jan./Dez., 2000/2001. pp.157-170.

⁴ Idem, p. 242.

⁵ Idem, *ibden* p. 242

⁶ *ibden, ibden*, p. 242

segundo Sylvestre, que uma campanha eleitoral em Campina Grande produzira documentos das posturas dos candidatos. Novidade iniciada por Juscelino Kubitschek, quando da campanha eleitoral para a presidência da República⁷, e logo imitada nos pleitos políticos de praticamente todo o país. Em sua carta de compromisso para com os eleitores, Newton Rique afirmou:

O processo de industrialização é, a meu ver, o próprio processo de civilização e progresso. Farei, portanto, girar em torno da criação de condições mais favoráveis à implantação de poderoso parque fabril em nossa cidade, o meu programa de administração.

Vale a pena lembrar as conclusões a que chegaram industriais paulistas em missão oficial no Nordeste, quando consideraram Campina Grande, dentre as cidades visitadas na região, aquela que melhores condições oferecia à aplicação de capitais em investimentos industriais.⁸

As intenções político-administrativas do candidato derrotado mostram a necessidade de uma política de desenvolvimento da indústria, parecendo claro que a existência de indústrias em Campina Grande era ainda muito abaixo do que se supunha necessitar a economia local. Ao confrontarmos essa informação com outras fontes pesquisadas, inferimos que os freqüentes enunciados, veiculados no Diário da Borborema, passavam, exageradamente, uma imagem de importante desenvolvimento industrial nessa cidade, o que ao nosso ver parecia mais uma publicidade, provavelmente para atrair investimentos, do que de uma situação real da indústria. A preocupação do candidato petebista com o assunto, exposto em seu programa de campanha, parece-nos confirmar essa conjectura. Vejamos:

O meu governo terá a industrialização de Campina Grande como o seu “centro de interesse”. Providências, esforços, recursos serão empenhados para a objetivação dessa meta, durante todo o período de minha gestão. Desde logo, entretanto, posso enunciar as seguintes medidas que serão postas em vigor pela minha administração:

- a) Constituição de um Grupo de Estudos e Projetos de Investimentos industriais, integrados de técnicos (...);
- b) Delimitação da futura Cidade Industrial de Campina Grande, com a destinação de áreas suficientes para a instalação de novas fábricas (...);
- c) Reexame da legislação municipal sobre isenção de impostos para indústrias, concedendo-se todas as facilidades possíveis a empreendedores que nos queiram ajudar no surto de industrialização (...);
- d) Suprimento abundante e ao mais baixos preços de energia elétrica e água para fábricas a partir de determinadas dimensões;

Estímulo à formação de empresas particulares e mistas para empreendimentos pioneiros no setor industrial.⁹

O imaginário de Campina Grande “*futuro de prosperidade*”, tão freqüentemente encontrado nas páginas do Diário da Borborema, e sua ligação com a recepção positiva ao discurso de JK, aparece nitidamente expresso na publicidade de Newton Rique, divulgada na véspera da eleição, em 02/08/1959, no jornal local: “*Campina Grande será uma terra venturosa, com indústrias para o seu progresso, com emprêgos para os seus operários, com*

⁷ Rosilene Dias Montenegro, *Juscelino Kubitschek: mitos e mitologias políticas do Brasil moderno*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2001.

⁸ “*Revolução da Prosperidade*”, citado por Josué Sylvestre, op. cit. p.229

⁹ idem, *ibden*, p.230

*fatura para os seus lares, com educação para a sua juventude e com um padrão de vida pública que sirva de exemplo ao Brasil”*¹⁰.

Creemos que muito está por se desvendar sobre os prováveis motivos que concorreram para que Severino Cabral, e não Newton Rique, fosse vitorioso no pleito eleitoral. Alguns aspectos desse embate foram analisados por Alarcon Agra do Ó¹¹. Nós nos arriscamos a supor que a modernidade, tão propalada pelos meios de comunicação locais e nacionais e tão perseguida na política do governo JK, foi entendida, pelos eleitores campinenses, como melhor representada pelo candidato Severino Cabral que, afinal de contas, era do mesmo partido político do Presidente do país. O fato é que Campina continuou sonhando em ser Grande, como o Brasil, como o mundo, cabendo pois todos os títulos e imagens que reafirmassem a grandeza real e a imaginária e sonhada de “futuro de prosperidade”.

¹⁰ *idem, ibden*, p.248

¹¹ *op. cit.*